

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA

N. 11

ANO 11
NOVEMBRO. 2019
MACEIÓ. AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

VICE-PRESIDENTE

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

TESOUREIRO

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

SECRETÁRIA

Maria Edna de Melo Silva

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

**COORDENADOR DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Fernando Barbosa de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Fernando Barbosa de Almeida

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Socorro Tenório

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão

estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

O PAI EM WINNICOTT: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A FAMÍLIA NA ATUALIDADE¹

HELIANE DE ALMEIDA LINS LEITÃO

Psicóloga, doutora em Psicologia, professora da UFAL e membro do GPAL.

RESUMO

Considerando as necessidades da criança em cada momento do seu desenvolvimento, Winnicott descreve a relevância da presença e participação do pai na provisão ambiental suficientemente boa. Contribuições da sua teoria para a compreensão da família na atualidade são discutidas.

1 _____

Este artigo é parte do trabalho apresentado no Círculo Winnicott, Entorno 1, no CPPL (Recife-PE), em setembro/2019, intitulado “*E o pai?: considerações sobre a paternidade em Winnicott*”.

Winnicott é frequentemente criticado por sua ênfase na relação mãe-bebê, relegando ao pai um lugar apagado e secundário. Adam Phillips (1988) afirma que a importância do pai não é teoricamente elaborada por Winnicott, que tende a apresentá-lo como uma figura branda e quase sempre referido entre parênteses. De fato, para Winnicott, é no contexto da relação mãe-bebê que acontecem as experiências mais importantes do amadurecimento emocional. Suas principais contribuições teóricas, tais como os conceitos de criatividade primária, fenômenos transicionais, falso e verdadeiro self, tem suas bases no contexto dual da relação do bebê com sua mãe. Entretanto, são várias as considerações de Winnicott acerca da importância da presença e do envolvimento do pai desde os primeiros estágios do desenvolvimento.

O pensamento de Winnicott se distancia da tradição psicanalítica no que se refere ao papel do pai. Enquanto Freud e Klein atribuem papel decisivo ao pai no processo de separação entre a mãe e o bebê, Winnicott parece atribuir este processo a um trabalho realizado pela mãe e a criança somente. Segundo Phillips (1988), Winnicott não está interessado no pai que vem entre a mãe e a criança para separá-los, mas num espaço transicional do qual o pai é virtualmente ausente. Mas Winnicott não considerou a maternidade isoladamente no processo de individuação e constituição psíquica da criança. Seu conceito de

ambiente nos conduz a atentar para as influências do contexto dos cuidados maternos, o qual não supõe a mãe autossuficiente, mas inserida num ambiente relacional e social. O pai em Winnicott é primeiramente referido como parte do ambiente da mãe e participante, ainda que indiretamente, dos cuidados maternos.

Diferentemente de uma visão psicanalítica onde as fantasias e representações tem prevalência, as relações familiares são consideradas por Winnicott especialmente em termos de cuidados efetivos oferecidos por pessoas reais. O mais importante para ele, tanto no que se refere à mãe como ao pai, é a qualidade da presença, envolvimento e participação real na vida da criança.

O objetivo deste artigo é revisitar Winnicott, considerando o lugar e o papel atribuídos ao pai na sua teoria do desenvolvimento emocional. Busca-se, ainda, apontar possíveis contribuições do autor para a compreensão do lugar do pai na família contemporânea.

Winnicott pensa a família no contexto cultural de sua época, quase sempre se referindo ao modelo nuclear, onde o pai estabelece a principal relação com o mundo so-

cial, enquanto a mãe cuida dos filhos na esfera doméstica. Destaca-se, porém, que Winnicott viveu num momento histórico de grandes transformações sociais e familiares resultantes do pós-guerra, às quais ele dedica várias considerações.

Atento às mudanças culturais de seu tempo, ele nos instiga a empreender uma discussão acerca do pai nas configurações familiares contemporâneas. Afinal, como as mudanças na família atual afetam o que Winnicott denominou de “cuidados maternos”? Como os termos materno e paterno podem ser utilizados em referência ao que ocorre na família contemporânea?

O PAI NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

Winnicott apresenta uma perspectiva do desenvolvimento humano centrada nas necessidades do indivíduo em cada fase. Ele atribui ao ambiente o papel de prover as condições para a satisfação dessas necessidades, garantindo a atualização do potencial herdado. Considerando o pai enquanto elemento constituinte do ambiente da criança, destaca a relevância de sua

presença e participação em relação às necessidades infantis em cada fase do desenvolvimento emocional.

OS BEBÊS E SEUS PAIS: O PAI NA FASE DA DEPENDÊNCIA ABSOLUTA

O pai assume dois principais papéis na fase da dependência absoluta: o de dar sustentação à mãe, protegendo-a das interferências externas, de modo que ela possa dedicar-se integralmente ao bebê; e o de mãe substituta, oferecendo seu colo e dividindo com a mãe parte das tarefas inerentes aos cuidados iniciais.

Por sua condição de dependência absoluta, o recém-nascido necessita receber cuidados que Winnicott denominou cuidados **maternos**. Assim, o maternal vem antes que o paternal (WINNICOTT, 1945). O termo “maternal” aqui refere-se à qualidade dos cuidados oferecidos ao bebê para atender às suas necessidades. Os cuidados maternos compreendem a disponibilidade afetiva de uma pessoa (geralmente a mãe), que ao entrar num estado de identificação e empatia com o bebê, denominado preocupação materna primária, se torna capacitada para atender, de forma sintonizada, às necessidades do bebê. Assim, a mãe proporciona ao bebê a experiência da continuidade do ser e da ilusão de criar o objeto oferecido no ambiente (seio). Tais experiências são fundamentais

para os processos de integração e da experiência de si, com importantes repercussões para a vida emocional.

Nesta fase inicial são os processos que ocorrem no interior da relação dual entre a mãe e o bebê que são importantes. Entretanto, Winnicott supõe que a maternagem não ocorre isoladamente, mas apoiada no ambiente da mãe, do qual o pai faz parte, ampliando-se para o casal parental e a família. A maternagem suficientemente boa inclui a presença de ambos os pais, como se verifica no trecho abaixo:

[...] Isso inclui os pais, mas eles devem me permitir o uso da palavra “maternal” para descrever a atitude global em relação aos bebês e o cuidado a eles dispensado. O termo “paternal” tem, necessariamente, de chegar um pouco depois do termo “maternal”. Gradualmente, o pai torna-se um fator significativo enquanto homem. Depois vem a família, cuja base é a união de pais e mães, compartilhando a responsabilidade por aquilo que fizeram juntos, aquilo que chamamos de um novo ser humano – um bebê. (WINNICOTT, 1968, p.149-150).

Em consequência do estado de preocupação materna, a mãe, de certa forma, vivencia a vulnerabilidade do bebê e necessita de proteção e cuidados. Este apoio deve vir do pai da criança ou de outra pessoa próxima da mãe. O pai dá sustentação à mãe para que ela pos-

sa entrar no estado de preocupação materna primária, contribuindo com a maternagem suficientemente boa.

O pai também participa dos cuidados maternos de uma forma mais direta, como um substituto da mãe. Quando efetivamente envolvido na rotina do bebê, ele pode oferecer os cuidados maternos, embora mantendo a natureza dual da experiência vivenciada pelo bebê nessa fase:

A relação diádica inicial é aquela entre a criança e a mãe ou mãe substituta, antes que qualquer característica da mãe tenha-se diferenciado e moldado na imagem do pai. (WINNICOTT, 1958, p. 32).

Enquanto mãe substituta, a participação do pai pode ser compreendida como uma extensão da mãe, na medida em que não se insere como um terceiro elemento, mantendo a experiência relacional dual.

Mas, até que ponto o pai pode ser uma boa mãe substituta? Ao teorizar sobre o estado de preocupação materna primária, Winnicott se refere à mulher, em especial a mãe biológica. Embora afirmando que a mãe é a melhor pessoa para cuidar do

bebê (WINNICOTT, 1988), admite a maternagem paterna, embora na qualidade de substituta. Se a condição para a maternagem suficientemente boa é a identificação com o bebê, pode-se conjecturar que o pai (ou outra pessoa do ambiente próximo da criança) pode ser uma boa mãe substituta, se estiver afetivamente disponível para estabelecer uma relação especial com a criança, marcada pela sensibilidade, empatia e adaptação ativa e responsiva às suas necessidades.

Dias (2009) sugere que a capacidade do pai para o papel materno depende da experiência pessoal com seu “elemento feminino puro”³, remetendo às situações primitivas quando foi cuidado por sua mãe. A qualidade para a maternagem, para além de condições biológicas e de gênero, supõe a capacidade para uma profunda identificação com o bebê, estabelecendo uma experiência relacional de ser e de deixar ser.

O conceito de mãe substituta colabora com a noção de cuidados maternos compartilhados. O pai ou outra pessoa próxima da mãe pode participar eficientemente desse momento, colaborando ativamente com a maternagem suficientemente

boa. Esta é uma ideia importante para a compreensão da contribuição do pai nos cuidados iniciais e do cuidado parental compartilhado de forma mais igualitária, mais frequentes na atualidade.

O PAI NA FASE DA DEPENDÊNCIA RELATIVA

Nesta fase ocorre uma gradual transformação da relação mãe-bebê no sentido da separação da unidade inicial (fusão) e da constituição da identidade pessoal e unitária do bebê. Trata-se de um importante momento do desenvolvimento, marcado pelos processos de desadaptação materna, experiência da desilusão, desmame, individuação e separação da mãe.

Além de mãe substituta e sustentador da dupla mãe-bebê, agora o pai passa a desempenhar um papel mais distinto na vida da criança. Ele

3 _____
Para Winnicott (1971), o ‘elemento feminino puro’ está ligado à relação primária de fusão e continuidade com a mãe, na qual o objeto é o sujeito, estabelecendo a base da experiência de ser e continuar a ser. O elemento feminino, tanto em homens como em mulheres, está na base da capacidade de ser.

contribui com a gradual independência do bebê, respeitando seu ritmo e capacidade, ao tempo em que auxilia a mãe a retomar sua vida como pessoa adulta e inteira, ajudando-a a sair do estado de preocupação materna primária.

Nessa fase, Winnicott considera que o bebê começa a distinguir, nos cuidados da mãe, alguns aspectos que podem ser considerados ‘paternos’, tais como ordem, rigidez, inflexibilidade. Isso ocorre porque agora a mãe introduz mais intensamente e frequentemente a frustração e a oposição ao bebê, mostrando maior firmeza e disciplina, passando gradualmente de objeto subjetivamente concebido a objeto objetivamente percebido. Considerando a importância e delicadeza desse momento, Winnicott afirma que a mãe vai sendo duplicada:

É realmente um choque considerável para a criança ter que experimentar algo intermediário entre o uso da mãe enquanto objeto subjetivo, ou seja, enquanto um aspecto do self, e um objeto que não é o self e portanto se situa fora do controle onipotente. [...] A figura materna vai sendo duplicada. (WINNICOTT, 1966, p. 126).

Se o pai participa mais ativamente da vida da criança, ele aparece como uma das duplicações da figura materna. Atento às mudanças na vida familiar de seu tempo,

Winnicott aponta a riqueza da presença paterna:

O pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto, ele é uma das duplicações da figura materna. Nos últimos cinquenta anos, tem havido nesse país uma mudança na orientação, de tal modo que os pais se tornaram muito reais para seus filhos no papel de duplicações da mãe do que eles eram, parece, décadas atrás. No entanto, isso interfere com outra característica do pai, segundo a qual ele acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado. (WINNICOTT, 1966, p. 126-7).

Winnicott (1945) argumenta que o pai é importante para ser odiado e sua presença contribui para a elaboração da ambivalência da criança, protegendo a mãe de seus impulsos agressivos. O autor deixa entrever aqui que a autoridade e disciplina maternas introduzidas na vida do bebê serão associadas com carac-

terísticas do pai ou que posteriormente serão atribuídas a ele. É importante destacar que, para Winnicott, a entrada do pai na vida da criança se dá a partir da relação dual. Como afirma Rosa (2009), a entrada do pai não é violenta ou traumática, mas ocorre como sustentação do processo maturacional que acontece na díade.

Além disso, ao final dessa fase, o pai pode contribuir com o processo de integração do bebê, oferecendo à criança a primeira configuração de pessoa total. Segundo Winnicott, o pai será “o primeiro vislumbre que a criança tem da integração e da totalidade pessoal” (1969, p. 188), antecipando o indivíduo unitário que a criança vai chegar a ser. Ao considerar a possível ausência do pai no ambiente, Winnicott apresenta uma alternativa para o desenvolvimento, apoiado em outro relacionamento estável:

Se o pai não se encontra lá, o bebê tem de fazer o mesmo desenvolvimento, mas de modo mais árduo, ou utilizando algum outro relacionamento que seja bastante estável com uma pessoa total. (WINNICOTT, 1969, p. 188).

O PAI NO DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE SE PREOCUPAR

O amadurecimento e o gradual reconhecimento da mãe como outro, favorece no bebê a distinção entre eu e não-eu e os processos de

integração. O bebê alcança um *status* de unidade e experiencia a ambivalência de seus impulsos amorosos e hostis. Nessa fase o bebê necessita que a mãe sobreviva a seus impulsos agressivos e lhe ofereça oportunidade para a reparação e o gesto espontâneo. Quando a mãe é capaz de sustentar a agressividade do bebê, permite que se estabeleça um ‘ciclo benigno’, no qual ele desenvolve a capacidade de se preocupar com o outro (WINNICOTT, 1954).

Para Winnicott, a capacidade da preocupação pelo outro é, possivelmente, a mais importante aquisição do desenvolvimento emocional, na qual o pai tem uma importante contribuição. Por volta dessa época, o pai passa a ser reconhecido pela criança como uma terceira pessoa, distinta da mãe e dela própria, com quem começa a ter uma relação direta. A criança, buscando integrar sua impulsividade destrutiva, poderá contar com a proteção do pai para conter os seus excessos. A proteção que o pai oferece nesse momento não é a de interventor, mas a de por limites, oferecendo segurança e permitindo que a criança viva seus impulsos, aprendendo a controlá-los. O principal papel do pai é

proteger a mãe e ajudá-la a sobreviver aos ataques da criança, capacitando-a a sustentar a situação e esperar pela reparação através do ciclo benigno. As importantes repercussões desse processo são o alcance da capacidade para a preocupação, o desenvolvimento da moralidade verdadeira e da criatividade.

O PAI NO PERÍODO DAS RELAÇÕES TRIANGULARES

Nesta fase o campo das relações interpessoais se amplia para a triangularidade apresentando uma nova configuração da família. O pai é, agora, uma pessoa real que a criança conhece, com a qual convive e se relaciona diretamente.

A constatação da relação especial do casal parental oferece estabilidade emocional, mas pode produzir raiva, ciúme e ansiedade (WINNICOTT, 1988). As experiências anteriores e a capacidade para a preocupação pelo outro estabelecem a condição de solução para as tensões vivenciadas nessa fase, relacionadas à sexualidade e ao complexo edipiano. Para Winnicott, as experiências nessa fase incluem, mas não se resumem a questões da sexualidade. Elas dizem respeito à capacidade da criança de se relacionar enquanto ser humano com outros seres humanos. Além disso, a triangularidade abre para a complexidade e riqueza da experiên-

cia familiar e relacional mais ampla (WINNICOTT, 1988).

A presença real do pai é marcante enquanto homem, integrante da família e marido da mãe. O pai real pode ser protetor, tolerante, sedutor, inconsistente, violento, fraco, imaturo, etc. A forma como os conflitos infantis se desdobram nesse período estará apoiada nessa realidade ambiental e na resposta possível do pai às expressões dos impulsos e da ambivalência da criança. A interdição do pai ao desejo da criança nessa fase ajuda a criança a suportar a angústia de sua impotência e a preservar sua potência imatura (PLASTINO, 2014; ROSA, 2009).

Além de interventor, protetor e sustentador da vida familiar, o pai (e a mãe) tem aqui uma importante tarefa de ajudar a criança a discriminar entre fatos e fantasias (WINNICOTT, 1988). Pais emocionalmente maduros são capazes de respeitar e acompanhar as fantasias da criança, ao tempo em que lhe oferecem elementos da realidade para se apoiar, sem perder a capacidade da imaginação criativa.

O pai não é visto por Winnicott primeiramente como interditor

e aquele que introduz as normas sociais e morais. Para ser respeitado nesse lugar ele precisa ter tido uma presença real, amorosa e participativa mais cedo na vida dos filhos. O papel de autoridade do pai é precedido pela experiência anterior de acolhimento amoroso e não repressivo.

E O PAI NA ATUALIDADE?

Qual a relevância das considerações de Winnicott sobre a paternidade no âmbito da família nuclear tradicional, quando nos deparamos com novas formas de organização familiar, tais como cuidado parental igualitário, famílias monoparentais, homoafetivas, reconstituídas a partir de várias uniões, etc?

Winnicott oferece uma versão da psicanálise mais equilibrada em termos da dicotomia entre os polos paterno e materno. Ao destacar que o pai é esteio da autoridade materna (WINNICOTT, 1945), ele reconhece a possibilidade da autoridade parental compartilhada. Ao afirmar que o pai pode ser mãe substituta e desempenhar cuidados maternos, ele permite relativizar a ligação da maternagem com a figura da mulher e mãe biológica. Tais ideias, avançadas para sua época, sugerem a interligação e sobreposição entre maternidade e paternidade, relevante para a compreensão das experiências de parentalidade

compartilhada de forma igualitária, mais frequentes na família atual. Além disso, permitem pensar os termos materno e paterno em referência às necessidades da criança, e não necessariamente associados às figuras da mãe/mulher ou pai/homem.

Ao considerar o pai, Winnicott está se referindo à pessoa que está no ambiente próximo da díade mãe-bebê, estabelecendo com ela uma relação de cuidado e responsabilidade. Tal ideia pode ser ampliada para considerar a presença de alguém afetivamente implicado com a criança e que se dispõe a prover o ambiente necessário para atender suas necessidades. Ao afirmar que o pai é o primeiro diagrama de pessoa inteira na experiência da criança, Winnicott (1969) está tomando como modelo a família nuclear, para a qual existem exceções. Ele, então, pondera que se o pai não estiver presente, a criança pode lançar mão de outro objeto disponível no ambiente para ajudá-la em seus processos de integração.

Essas ideias de Winnicott são relevantes para pensar as possibilidades de exercício da parentalidade em diferentes configurações fami-

liares, contribuindo com a compreensão de suas repercussões para a escuta clínica.

Com Winnicott aprendemos que o mais importante no desenvolvimento humano é que a provisão ambiental seja suficientemente boa para garantir a atualização do potencial herdado. É necessário que seres humanos se encarreguem da tarefa de oferecer cuidados sintonizados com as necessidades da criança em cada fase de seu desenvolvimento. É a partir de uma disposição afetiva, empatia e identificação com a criança que estes cuidados podem ser efetivamente oferecidos.

REFERÊNCIAS

- PHILLIPS, Adam. *Winnicott*. Londres: Fontana Press, 1988.
- PLASTINO, Carlos A. *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- ROSA, Claudia D. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza Humana* 11(2), pp. 55-96, 2009.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- WINNICOTT, Donald W. (1945). E o pai? In: WINNICOTT, Donald W. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, pp. 127-133.
- WINNICOTT, Donald W. (1954). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: WINNICOTT, Donald W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 355-373.
- WINNICOTT, Donald W. (1958). A capacidade para estar só. In: WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp. 31-37.
- WINNICOTT, Donald W. (1966). A criança no grupo familiar. In: WINNICOTT, Donald W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp.123-136.
- WINNICOTT, Donald W. (1968). A imaturidade do adolescente. In: WINNICOTT, Donald W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp.149-150.
- WINNICOTT, Donald W. (1969). O uso de um objeto no contexto de

Moisés e o monoteísmo. *In*: WINNICOTT, Claire; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (org.). *Explorações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, pp. 187-191.

WINNICOTT, Donald W. (1971). A criatividade e suas origens. *In*: WINNICOTT Donald W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 95-120.

WINNICOTT, Donald W. (1988). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2019
Publicado originalmente em novembro
de de 2019 em www.gpal.com.br



